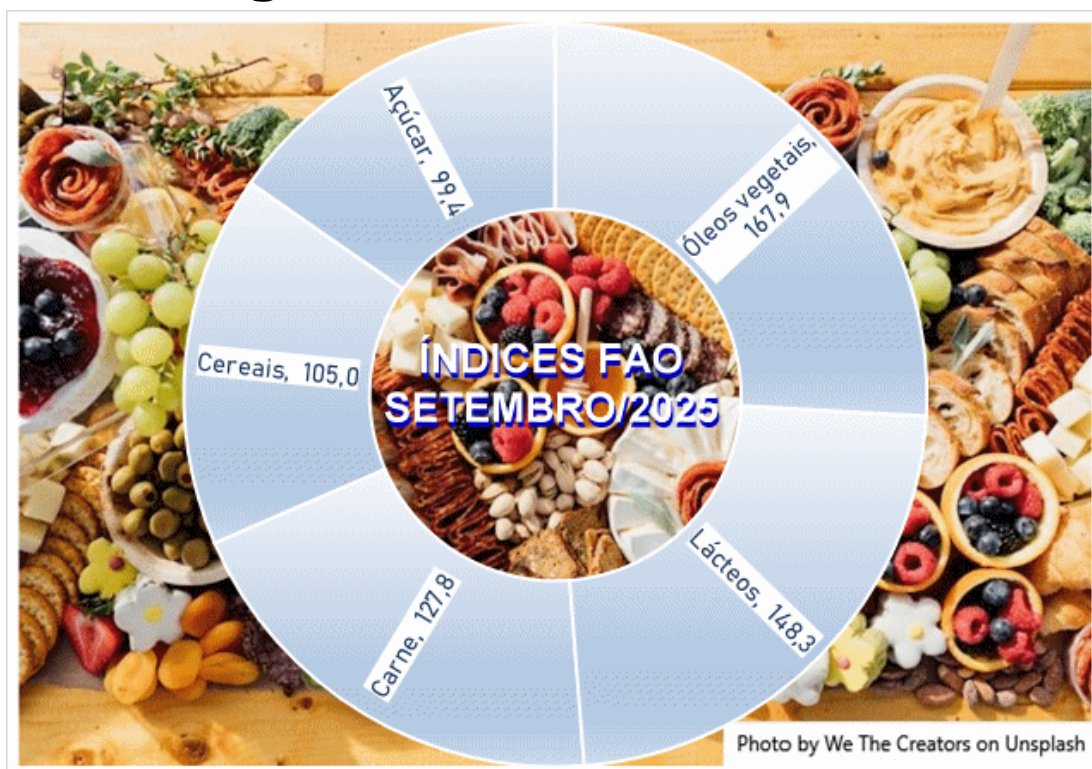


O Índice de Preços dos Alimentos da FAO declina ligeiramente em setembro

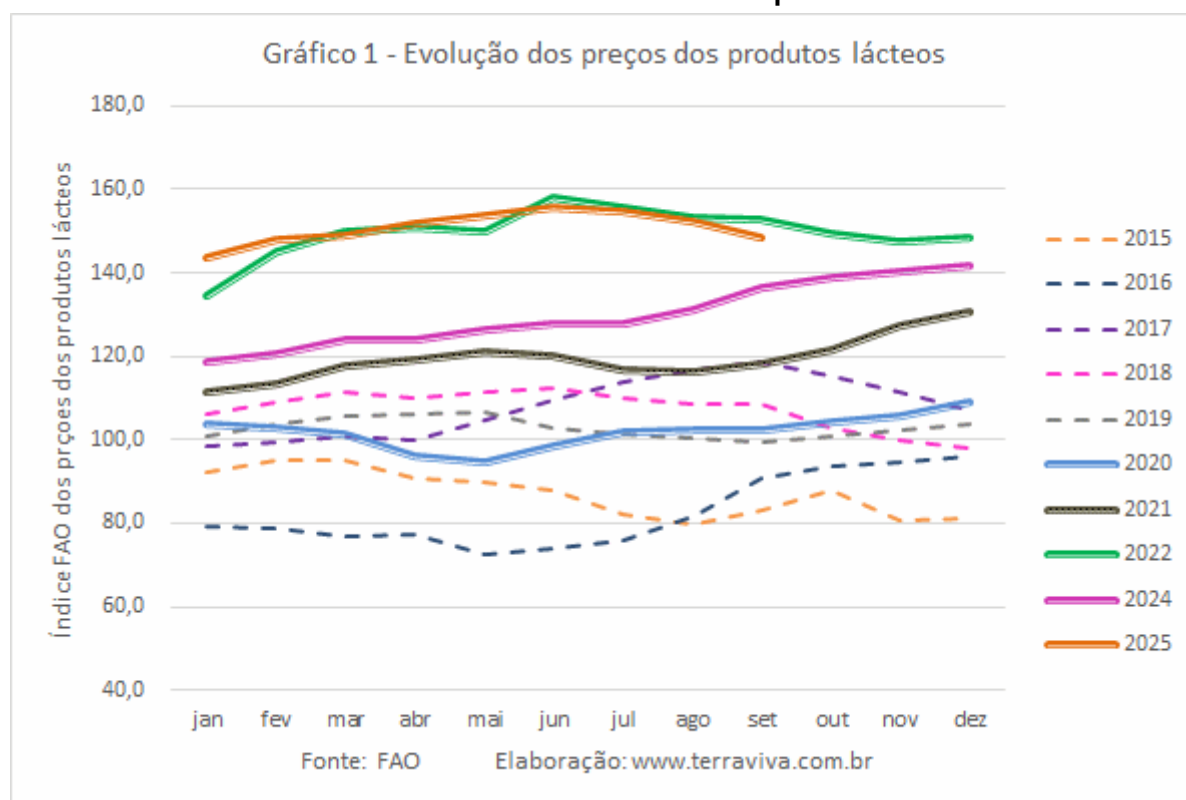


O Índice de referência dos preços dos alimentos em escala mundial diminuiu ligeiramente em setembro, sob os efeitos da baixa dos preços do açúcar e dos produtos lácteos, de acordo com o novo relatório publicado pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), nesta sexta-feira.

O Índice FAO dos Preços de Alimentos (FFPI), que acompanha dos alimentos no mundo inteiro, ficou com a média de 128,8 pontos em setembro, contra o valor revisado de 129,7 pontos do mês de agosto. O nível de setembro representa uma alta de 3,4% em relação ao número de um ano atrás.

O Índice FAO dos produtos lácteos caiu 2,6% em setembro, atingindo 148,3 pontos em setembro de 2025. Foi a terceira baixa mensal consecutiva, mas seu valor permanece ainda 9 pontos superior ao

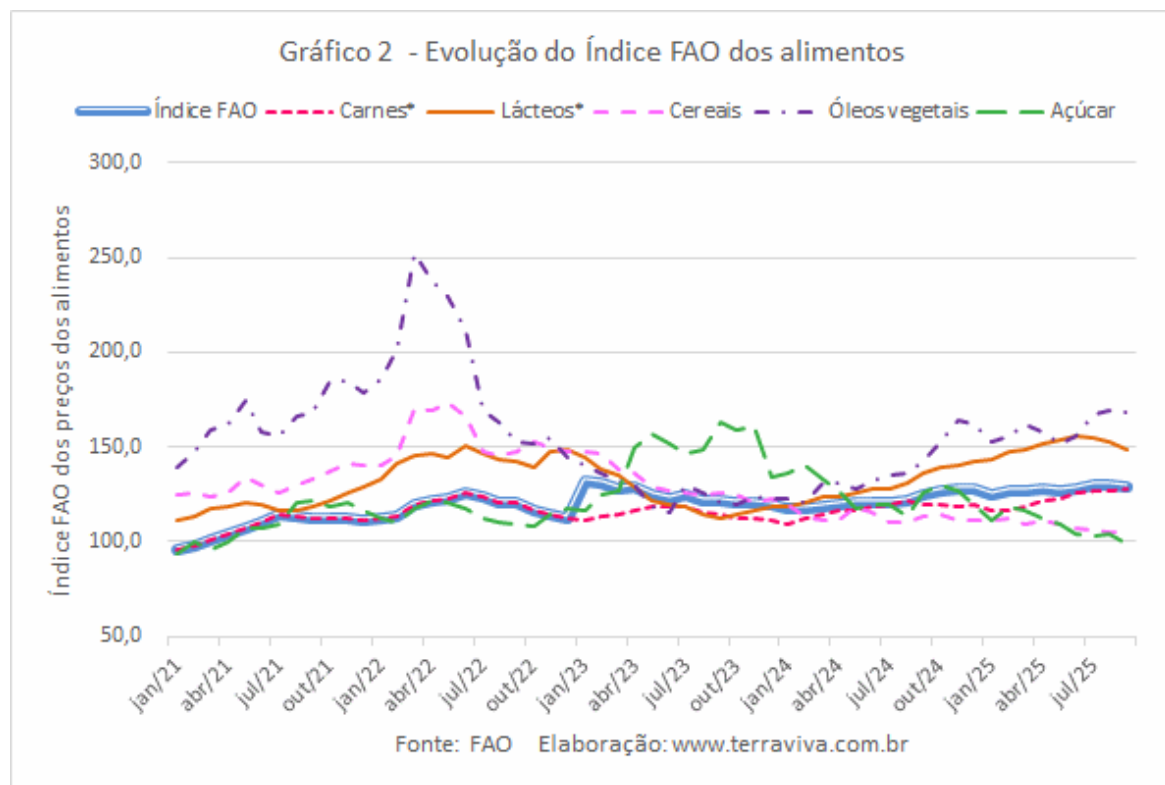
registrado em setembro de 2024. Todos os subíndices recuaram: A manteiga -7%; o leite em pó desnatado -4,3% e o leite em pó integral -3,1%. O queijo apresentou uma ligeira baixa. O recuo relativamente acentuado nos preços da manteiga se explica pela alta sazonal da disponibilidade de creme e queda na demanda de sorvetes no Hemisfério Norte, bem como a previsões de produção elevada na primavera da Nova Zelândia. Apesar desse recuo, os preços da manteiga estão ainda muito elevados, ou seja, 6,3% acima da média de 2024. A baixa nas cotações do leite em pó é decorrente do enfraquecimento da demanda dos principais países importadores e à uma concorrência mais forte entre os exportadores.



Em compensação, os preços do queijo caíram apenas ligeiramente, diante de uma modesta flexibilização na União Europeia (UE), em meio à produção estável e ao enfraquecimento do interesse pelas exportações, que foi parcialmente compensada pelos preços mais firmes na Oceania, onde a menor oferta no início da

temporada e o aumento da demanda de compradores asiáticos sustentaram os preços na Nova Zelândia.

Além dos produtos lácteos, caíram os preços de açúcar, dos cereais, e de óleos vegetais, -4,1%, -0,6 e -0,7%, respectivamente, na comparação com o mês de agosto.



O índice FAO do preço do açúcar recuou 4,1% desde agosto, colocando-o em seu menor valor desde março de 2021. Essa baixa é essencialmente decorrente de uma produção de açúcar mais elevada do que a prevista no Brasil e às perspectivas de colheita favorável na Índia e Tailândia, dada à abundância de chuvas de monções conjugadas com a expansão das superfícies plantadas.

O Índice FAO dos preços dos cereais perdeu 0,6% em relação ao nível de agosto. Os preços mundiais do trigo caíram pelo terceiro mês consecutivo face à uma demanda internacional moderada e à confirmação de uma colheita abundante nos grandes países

produtores. Os preços do milho também recuaram diante de uma oferta abundante que foi consequência da suspensão temporária das taxas sobre as exportações de cereais na Argentina. O índice FAO dos preços de todos os tipos de arroz cedeu 0,5%, porque houve redução das compras por parte de compradores como Filipinas e África, impactando no mercado.

O Índice FAO de óleos vegetais caiu 0,7% em setembro, em decorrência do recuo das cotações do óleo de palma e o de soja, em parte, pelos consideráveis estoques do primeiro na Malásia e ampla oferta do segundo pela Argentina – compensando o aumento nos preços do óleo de girassol e do óleo de colza.

Em compensação, o **Índice FAO de carnes** aumentou 0,7% em relação ao valor revisado de agosto e atingiu um novo recorde, ficando 6,6% acima do valor de um ano atrás. A alta reflete o aumento dos preços da carne bovina e ovina, enquanto que as cotações da carne de porco e de aves permaneceram, globalmente estáveis. atingiu a média de 127,3 pontos, 1,2% a mais em relação a junho e o maior nível já registrado. Os preços da carne bovina atingiram um recorde histórico, impulsionados pela forte demanda dos Estados Unidos da América (EUA), onde a oferta doméstica limitada e um diferencial de preço favorável continuaram a incentivar as importações.

[Acesse aqui a matéria na íntegra](#)

Fonte: FAO – Tradução livre: Terra Viva